SILVA, Kelly & SOUSA, Lúcio (orgs.). *Ita maun alin.* O livro do irmão mais novo. Afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste

Renata Nogueira da Silva

REFERÊNCIA

SILVA, Kelly & SOUSA, Lúcio (orgs.). Ita maun alin. O livro do irmão mais novo. Afinidades antropológicas em torno de Timor-Leste. Lisboa: Edições Colibri. 281 pp

1 *Ita maun alin: o livro do irmão mais novo* (2011) é produto de um conjunto de pesquisas antropológicas circunscritas e/ou referentes às fronteiras leste-timorenses. Timor-Leste está localizado no cruzamento do Sudeste Asiático e da Oceania e é um dos países mais novos do mundo. Em 1975 a independência de Timor-Leste foi proclamada unilateralmente e restaurada somente em 2002 após diversos conflitos, encontros e desencontros culturais: nominais 430 anos de colonização portuguesa, 24 anos de ocupação indonésia e 30 meses de administração transitória das Nações Unidas (Silva, 2008).

2 O título da obra *Ita maun alin: o livro do irmão mais novo* faz alusão a um mito bastante difundido e compartilhado entre inúmeras populações leste-timorenses segundo o qual a humanidade teria surgido na ilha. De acordo com este mito, dois irmãos, descendentes dos originários, em um dado momento se separaram: o mais velho teria permanecido em Timor e o mais novo, partido para terras distantes. Na literatura especializada, mais tarde, o irmão mais novo regressa ostentando objetos, como o tambor, o livro e a bandeira e, desde então, é responsável pelo poder temporal. O irmão mais velho, por sua vez, aquele que fica na ilha, controla o poder espiritual. O *Livro do*

irmão mais novo é considerado pelos autores, metaforicamente falando, uma devolutiva de conhecimentos produzidos na interação com as populações de sua ilha.

3 No decorrer de uma introdução, três seções e uma reflexão final, os autores, vinculados a diferentes países e disciplinas, relacionam criativamente temas clássicos da etnologia indígena da região a fenômenos contemporâneos produzidos a partir de travessias e deslocamentos internos e externos de atores leste-timorenses produzidos em razão de múltiplas dinâmicas políticas no território, coloniais e pós-coloniais.

4 A primeira parte do livro "Antropologias, traduções e culturas em perspectiva. Das montanhas às cidades" aborda distintos projetos de antropologia desenvolvidos em Timor-Leste desde os anos 60 até o tempo corrente. A seção é aberta com um texto de David Hicks, no qual as etnografias coloniais produzidas até 1975 são interpretadas e valorizadas como um repositório significativo de conhecimentos sobre as populações da ilha.

5 Após a reflexão de Hicks, entram em cena discussões etnográficas sobre fenômenos mais contemporâneas, as quais colocam em perspectiva diferentes dimensões das dinâmicas sociais engendradas nas fronteiras leste-timorenses. O texto de Claudine Friedberg, por exemplo, foca Timor no contexto de povoamento do Sudeste Asiático e aborda o imaginário e as práticas nas interações entre humanos e os outros seres. A autora ressalta que as relações estabelecidas com os seres, bem como as funções que lhe são atribuídas estão ancoradas no imaginário social e variam de região para região.

6 No artigo que segue, Paulo Seixas sugere que as culturas não possuem fronteiras fixas e se constituem como processos de difusão traduzíveis no tempo e no espaço. O autor analisa certas dinâmicas de tradução cultural que estruturam a convivência das sociedades/das culturas timorenses e coloca em perspectiva um momento revelador da tradução (a crise de 2005-2006), que possibilitou uma consciência da diferença e da tradução cultural.

7 Rui Feijó, numa linha próxima da defendida por Paulo Seixas, analisa práticas de nomeação no Timor contemporâneo e, entre outras coisas, indica a inexistência de um padrão fixo de nomeação entre os interlocutores. Tais fenômenos seriam estruturados por diversas negociações e mediações de significados, pelas quais se objetivam apropriações e subversões do sistema de nominação português pelas elites leste-timorense. A pluralidade de processos seguidos para a formação de nomes completos dos indivíduos é complexa e diversa, daí a dificuldade de esboçar qualquer norma.

8 Daniel Simião encerra a primeira parte do livro com uma discussão sobre sensibilidade jurídica e diversidade cultural. Haja vista a força do direito costumeiro na vida de muitos leste-timorenses. Simião discute os desafios da construção e da consolidação do sistema judiciário em Timor-Leste. De acordo com o autor, um dos dilemas que se impõem à Justiça em Timor-Leste não é tanto o de aproximar o direito (normas legais) da vida (costumes), mas sim possibilitar traduções adequadas de expectativas e atitudes fundadas na cultura para a linguagem jurídica do Estado.

9 Intitulada "Oralidade e texto: resgatando arquivos, memórias, histórias", os artigos da segunda seção abordam o passado e a palavra, temas fulcrais nas interpretações das dinâmicas sociais em Timor-Leste, inclusive naquelas relacionadas aos processos de construção nacional e suas respectivas invenções de tradições. O texto de Aonevan Engelenhoven analisa a complexa relação entre linguagem e significado em Tutuala e no sudoeste das Molucas. Fortemente ancorado na linguística descritiva e comparativa,

o autor sugere que certas diferenças identificadas por um público ocidental nas variações das narrativas não parecem ser significativas para um público local, pois tais variações na narração são concebidas pelo público como digressões pessoais relacionadas à sacralidade ou um opcional do texto oral para agradar o público, sem impacto no valor de verdade do texto narrado.

10 Ricardo Roque investiga os processos coloniais de domesticação/negociação dos saberes locais manifestos nas distintas formas de acionar os chamados usos e costumes timorenses. O autor apresenta o mimetismo como aspecto fundamental da teoria e da prática europeia de colonização e trata as tecnologias culturais do colonialismo enquanto tecnologias miméticas.

11 Vicente Paulino aborda a emergência da revista *Seara* e o modo pelo qual certas práticas locais, trocas matrimoniais, por exemplo, ganhavam sentido nesse periódico de orientação católica. A *Seara* visava, por um lado, divulgar o trabalho desenvolvido por religiosos no território e difundir a cultura religiosa e, por outro, se apresentava como um veículo de difusão cultural, tanto da cultura portuguesa como da timorense.

12 José Mattoso analisa a importância dos arquivos e o papel dos acervos nos processos de invenção de uma nova nação, como no caso de Timor-Leste. O artigo é a versão escrita de uma palestra apresentada em 2002 no distrito de Bobonaro (no mesmo país), daí a peculiaridade do texto quando comparado ao restante dos artigos. Mattoso discute questões cruciais relativas à preservação da memória e à constituição de uma consciência coletivamente partilhada.

13 A terceira e última seção do livro, "Resiliências e novos contextos de negociação identitária", faz uma reflexão mais aguda, quando comparada à primeira e à segunda seções, dos variados espaços físicos e identitários nos quais os próprios timorenses (re)constroem e (re)inventam suas vidas. Christine Chaves, Ana Claudia Ronzani e Kelly Silva se debruçam sobre a obra de Luís Cardoso e tomam a noção de travessia como objeto de reflexão. O exercício analítico das autoras é pautado nas aproximações entre etnografia e literatura: a produção em diáspora, estranhamento de si, familiarização com a alteridade, distanciamento crítico, imprevisibilidade das apropriações e reverberações da obra.

14 Na esteira do texto sobre a obra de Luís Cardoso, resguardadas as diferenças e as peculiaridades, Sofia Miranda discute as formas de resiliência adotadas pelas mulheres na comunidade leste-timorense em Portugal. Tal comunidade se constituiu a partir de deslocamentos decorrentes da invasão e ocupação de Timor-Leste pela Indonésia em 1975. Os leste-timorenses em Portugal são nomeados pela autora de transmigrantes, tendo em vista o forte sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional por eles compartilhado. As mulheres em diáspora em Portugal figuram como guardiãs e reprodutoras do que entendem como as tradições leste-timorense, o que é bem significativo, considerando que em Timor-Leste, em diferentes contextos, são os homens os detentores deste saber-poder.

15 Ainda falando de trânsito de pessoas, Maria do Rosário Tique analisa a origem e a dinâmica da comunidade chinesa em Timor-Leste e na Austrália (refugiados). Nesse empreendimento, as categorias chineses-timorenses-permanentes, chineses-timorenses-não-permanentes (regressados da Austrália), chineses-indonésios, chineses puros e macaenses são usadas para indicar distintos projetos de pertencimento/relacionamentos com o país de origem.

16 Nos textos anteriores à terceira seção, o foco das discussões estava na travessia de pessoa e suas respectivas experiências diaspóricas. Vanda Narciso e Pedro Henriques, por sua vez, analisam o papel e as funções da terra entre certas populações rurais leste-timorenses. Por meio de uma perspectiva multidisciplinar e comparativa, os autores tratam das diferentes funções e serviços da terra no Timor-Leste, descrevem os principais mecanismos de obtenção e transmissão da terra e refletem sobre as causas que levam à desigualdade de gênero nos mecanismos de obtenção e transmissão desses recursos naturais.

17 Esta seção é encerrada com um artigo de Teresa Cunha. Inspirada em Boaventura de Sousa Santos, certas táticas de resiliência feminina em Díli são utilizadas para colocar em questão metanarrativas feministas de emancipação que se apresentam como universais. A autora identifica a pluriversatilidade pragmática dos projetos e das alternativas de emancipação de mulheres em Díli, as quais eram articuladas a diferentes trajetórias de subjetivação.

18 O livro termina com um instigante posfácio de Luís Cardoso intitulado “Eu caçador de mim”, um desafio no qual o autor nos mostra as potencialidades de redescobertas/ reinvenções mútuas inerentes aos encontros sociais. Luís Cardoso nos adverte sobre nossas responsabilidades com as representações/ficções que produzimos sobre o outro. Luís Cardoso de Noronha é o mais importante escritor timorense. Estudou no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, onde conheceu as obras Ruy Cinatti que o incentivaram a escrever sobre os deslocamentos físicos e simbólicos em Timor-Leste evidenciados em seus textos. No período da ocupação indonésia, Luís Cardoso estava em Portugal e, como não podia regressar ao Timor, começou a fazer parte da frente diplomática da chamada Resistência Timorense[1].

19 *Ita maun alin. O livro do irmão mais novo* é primoroso no que diz respeito às mediações entre temas clássicos da etnologia indígena local e outros candentes da atualidade. Trata-se de um livro alinhavado por três chaves: tradições, traduções e resiliências e que nos possibilita refletir sobre processos contemporâneos de negociações de sentido não só em Timor-Leste, mas também em outras fronteiras. O livro mostra com propriedade e destreza o quanto a plasticidade e a heterogeneidade estão envolvidas na tradução de tradições. Parafraseando o título do posfácio, diria que no nosso ofício não somos apenas “caçador de mim”, mas também caçador de encontros desestabilizadores.

BIBLIOGRAFIA

SILVA, Kelly Cristiane da. 2008. “A cooperação internacional como dádiva: algumas aproximações”. Mana [online], 14 (1):141-171. ISSN 0104-9313. Disponível em: http://dx.doi.org/ 10.1590/S0104-93132008000100006. Acesso em: 05/12/2013